

# DESEMPENHO RECENTE DA PRODUÇÃO DE LEITE NO ESTADO DE SÃO PAULO

Denyse Chabaribery<sup>1</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

O mercado de leite no Brasil é um dos assuntos pertencentes à agropecuária e ao abastecimento alimentar que mais suscita polêmica entre os agentes da cadeia de produção. Desde meados dos anos 80s, a cadeia produtiva de lácteos no Brasil vem enfrentando mudanças importantes. A profunda reestruturação patrimonial, com concentração de capitais e mudança nas estratégias das empresas, concomitante à abertura da economia, à desregulamentação do mercado e aos longos períodos de preços rebaixados, resultaram em certo ceticismo por parte dos produtores que acreditavam ser difícil reverter o contexto desestimulante para a atividade (BORTOLETO; CHABARIBERY, 1998a). Apesar desse diagnóstico, é surpreendente observar o Brasil colocando-se no cenário internacional em patamares nunca antes alcançados, ainda que com baixos volumes exportados de lácteos.

Este estudo faz uma análise do desempenho recente da cadeia de produção do leite, no intuito de apontar tendências para a produção e o mercado do leite, no Brasil e em São Paulo, Estado que alterou profundamente sua estrutura de produção, redefinindo novas bacias leiteiras.

## 2 - PRODUÇÃO MUNDIAL DE LEITE

O volume de leite de vaca produzido pelos principais países produtores pouco evoluiu nos últimos cinco anos. Passou de 373,7 milhões de toneladas métricas, em 1998, para 392,8 milhões de toneladas métricas em 2002, representando crescimento de cerca de 1% ao ano, em média. A posição relativa dos principais países produtores também não se alterou no período, mostrando um quadro de certa estagnação na produção de leite. Porém, a partir de 2003 há

expectativa de alteração na produção leiteira em pelo menos três países: Brasil, China e Nova Zelândia esboçam impulso em incrementar a produção, com estimativas de crescimento nos volumes produzidos de 18,7%, 8% e 2%, respectivamente. A China é um país que, provavelmente, figurará entre os maiores produtores nos próximos anos, pois vem incrementando sua produção de forma sistemática, sendo que de 1997 a 2002 aumentou em 66% a produção de leite. A Argentina, pertencente ao pequeno número de países exportadores de lácteos, devido à crise econômica, deve retrair sua produção em 6,1%.

Mesmo assim, o prognóstico de crescimento da produção mundial de leite em 2003 em relação a 2002 é de 0,6%, taxa que não acompanha o crescimento da população (Tabela 1).

Em relação à produtividade, no período 2000 a 2003, Japão e Estados Unidos são os únicos países que ultrapassam o patamar de 8 toneladas de leite por vaca em lactação/ano, seguido pelo Canadá com 7,6t. O Brasil apresenta o segundo pior desempenho, 1.503kg/vaca/ano, melhor apenas que o da Índia (Tabela 2). A baixa produtividade do rebanho brasileiro, apesar de os agentes da cadeia produtiva do leite no Brasil justificarem esse índice como um dado médio que não reflete os produtores mais especializados, deveria ser alvo de campanhas para uma melhoria genética.

O comércio internacional de leite fluido é pequeno e as exportações não atingem 0,05% da produção global, sendo os principais exportadores Austrália, Nova Zelândia e China. São poucos os países, entre eles o Brasil, que realizam importações, mesmo assim em volumes muito baixos (Tabela 1). O que prevalece é a auto-suficiência dos países no abastecimento de leite fluido.

O que determina o comércio internacional na cadeia produtiva é o consumo de leite na forma processada, sendo os derivados de leite com alto valor agregado os produtos exportados. Sendo assim, os países que detêm maior desempenho nesse mercado são: Nova Zelândia,

<sup>1</sup>Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Quadro de Suprimento da Produção Mundial de Leite, Países Seleccionados, 2002 e 2003  
(1.000 t métricas)

País	2002 <sup>1</sup>			
	Produção	Importação	Oferta	Exportação
União Européia	115.355	0	115.355	0
Estados Unidos	77.035	0	77.035	0
Índia	36.200	0	36.200	0
Rússia	33.250	85	33.335	5
Brasil	22.635	25	22.660	4
Nova Zelândia	13.925	0	13.925	48
Ucrânia	13.700	0	13.700	0
Holanda	12.000	8	12.008	1
Austrália	11.607	3	11.610	80
China	11.075	6	11.081	26
México	9.560	20	9.580	0
Japão	8.350	0	8.350	0
Argentina	8.200	0	8.200	10
Canadá	8.130	0	8.130	5
Romênia	5.150	3	5.153	0
Chile	2.120	0	2.120	0
Egito	1.685	0	1.685	0
Venezuela	1.300	0	1.300	0
Peru	1.115	0	1.115	0
Taiwan	353	2	355	0
<b>Total</b>	<b>392.745</b>	<b>152</b>	<b>392.897</b>	<b>179</b>
País	2003 <sup>2</sup>			
	Produção	Importação	Oferta	Exportação
União Européia	115.375	0	115.375	0
Estados Unidos	77.970	0	77.970	0
Índia	37.000	0	37.000	0
Rússia	33.200	90	33.290	5
Brasil	23.000	15	23.015	8
Nova Zelândia	14.204	0	14.204	48
Ucrânia	14.000	0	14.000	0
Holanda	12.200	8	12.208	1
China	11.961	6	11.967	28
Austrália	11.000	3	11.003	80
México	9.575	20	9.595	0
Japão	8.350	0	8.350	0
Canadá	8.170	0	8.170	5
Argentina	7.700	0	7.700	8
Romênia	5.200	1	5.201	0
Chile	2.125	0	2.125	0
Egito	1.690	0	1.690	0
Venezuela	1.275	0	1.275	0
Peru	1.115	0	1.115	0
<b>Total</b>	<b>395.110</b>	<b>143</b>	<b>395.253</b>	<b>183</b>

<sup>1</sup> Preliminar.

<sup>2</sup> Projeção.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

TABELA 2 - Produtividade na Produção de Leite por Vaca em Lactação, 2000 a 2003  
(kg/cabeça/ano)

País	2000	2001	2002 <sup>1</sup>	2003 <sup>2</sup>
Argentina	4.000	3.878	3.565	3.581
Austrália	5.146	4.761	4.834	4.441
Brasil	1.380	1.403	1.451	1.503
Canadá	7.152	7.430	7.500	7.565
Chile	3.388	3.443	3.447	3.455
China	3.629	3.601	3.500	3.500
União Européia	5.575	5.623	5.669	5.698
Índia	1.014	1.014	1.006	1.014
Japão	8.566	8.548	8.644	8.653
México	1.368	1.397	1.406	1.408
Nova Zelândia	3.666	3.700	3.714	3.695
Peru	1.803	1.803	1.828	1.828
Holanda	3.580	3.800	3.871	4.067
Romênia	3.228	3.317	3.323	3.355
Rússia	2.473	2.640	2.703	2.733
Ucrânia	2.283	2.656	2.786	2.887
Estados Unidos	8.256	8.228	8.433	8.615
Venezuela	1.788	1.781	1.781	1.747
Média	3.036	3.078	3.116	3.139

<sup>1</sup>Preliminar.<sup>2</sup>Projeção.

Fonte: USDA.

Austrália, Argentina e União Européia. A Nova Zelândia chama a atenção, pois destina somente 2,5% da produção para consumo doméstico de leite fluido. Na Argentina, devido à retração na produção de 1998 a 2003, também caiu a participação na industrialização de derivados. O Japão é o único país entre os mais desenvolvidos a consumir na forma fluida perto de 60% da produção, pois possui políticas agrícolas e de abastecimento muito eficientes com relação aos alimentos da cesta básica, como arroz e leite (Tabela 3).

### 3 - PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL

A produção brasileira de leite de vaca vem crescendo nos últimos seis anos. Como registram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1997 a 2001 a produção de leite passou de 18.666 para 20.650 milhões de litros, significando aumento de 10,6% no volume produzido. Os maiores aumentos na produção total e recebida na indústria (inspecionada) ocorreram de 1999 a 2000 (3,7% e 8,7%, respectivamente) e de 2000 (4,5%) a 2001

(9,1%). Em 2002, a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e a Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Leite Brasil) prevêem produção de 21.063 milhões de litros de leite, o que representaria um aumento no volume total de 2,0%, em relação a 2001 (Tabela 4). Prognósticos mais otimistas têm sido realizados por agentes dessa cadeia, que acreditam que o aumento das exportações brasileiras de derivados de leite e o incremento da demanda oriunda de programas sociais do Governo Federal possam vir a ter um reflexo imediato e positivo na produção, que poderia alcançar 25 bilhões de litros de leite produzidos, ainda em 2003.

Porém, é preciso cautela a esse respeito. Um aumento excessivo na produção, sem a devida colocação no mercado interno ou externo, derruba os preços recebidos, e os produtores abandonam manejos e tratos necessários ao gado, provocando queda na produção/produtividade ou um ciclo de estagnação. Seria mais interessante um aumento paulatino na produção com garantia de mercado, sem conturbar tanto a expectativa de renda do produtor. Nesse sentido, políticas de abastecimento e de segurança alimentar, como é o caso do programa "Fome Zero",

TABELA 3 - Participação Percentual do Consumo Doméstico de Leite, Fluido e Processado<sup>1</sup>, no Total Produzido, Países Seleccionados, 1998, 2002 e 2003

País	1998		2002		2003	
	Consumo fluido	Consumo processado	Consumo fluido	Consumo processado	Consumo fluido	Consumo processado
Argentina	23,3	76,4	25,2	74,7	26,4	73,5
Austrália	19,8	79,3	17,0	82,3	18,0	81,3
Brasil	58,9	41,1	54,3	45,7	53,6	46,4
Canadá	34,4	65,5	35,1	64,9	34,9	65,0
Chile	21,2	78,8	21,2	78,8	21,4	78,6
China	35,4	64,2	40,7	59,1	41,7	58,1
União Européia	27,7	72,3	27,3	72,7	27,3	72,7
Índia	43,6	56,4	40,9	59,1	40,0	60,0
Japão	58,9	41,1	58,7	41,3	59,0	41,0
México	41,3	58,7	42,0	58,0	42,0	58,0
Nova Zelândia	3,4	96,4	2,6	97,1	2,5	97,2
Peru	70,6	29,4	68,3	31,7	68,3	31,7
Holanda	42,3	57,7	41,4	58,6	40,9	59,1
Romênia	68,2	31,8	63,0	37,0	63,2	36,8
Rússia	44,7	55,3	42,3	57,7	42,1	57,9
Ucrânia	19,6	80,4	23,6	76,4	23,8	76,2
Estados Unidos	37,4	62,6	34,9	65,1	34,5	65,5
Venezuela	15,0	85,0	15,4	84,6	15,7	84,3

<sup>1</sup>Os dois tipos de consumo não somam 100%, faltando o destino para alimentação animal.  
Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do USDA.

TABELA 4 - Produção Total de Leite e Participação Percentual do Leite Industrializado, Brasil, 1997-2002

Ano	Total (1.000 litros) (a)	Industrializada (1.000 litros) (b)	Industrializada (b)/(a) (%)	Leite informal <sup>1</sup> (a)-(b)/(a) (%)
1997	18.666.010	10.688.279	57	43
1998	18.693.914	10.995.373	59	41
1999	19.070.048	11.138.930	58	42
2000	19.767.206	12.107.741	61	39
2001	20.650.000	13.212.710	64	36
2002 <sup>2</sup>	21.063.000	13.155.983	62	38

<sup>1</sup>Estimativa que inclui, além do leite não inspecionado, o leite que é recebido, mas não é processado pelo estabelecimento.

<sup>2</sup>Estimativa.

Fonte: Elaborada pela autora com dados do IBGE, CNA e ABLV.

podem se constituir em alicerces sólidos no crescimento sustentado da oferta.

A cadeia de produção do leite também torna-se frágil pelo tamanho do mercado de leite longa vida (Ultra High Temperature - UHT), pois a lógica desta indústria permite um espaço de manobra para estoques, busca do leite produzido em regiões mais longínquas e, ao longo do ano, maior variação e diferenciação nos preços, pois

são ofertados vários tipos de leite UHT com diferentes preços: integral, desnatado, semi-desnatado, entre outros.

Desde 2001 o leite longa vida representa mais de 70% do mercado de leite fluido formal, apesar de especialistas do setor afirmarem que o *market share* do leite UHT já atingiu seu ponto máximo, dificilmente crescerá mais, ainda assim é suficiente para influenciar nos sis-

temas produtivos e na formação de preços do leite (Tabela 5).

A participação dos derivados de leite não fluido no mercado formal mostra-se mais constante no período 1997 a 2002, variando entre 59% e 54% do total da produção inspecionada, atingindo 7.456 milhões de litros em 2002 (56,7%), transformados em leite em pó, queijos, iogurtes e outros derivados (Tabela 5). Segundo os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em 2002 o Brasil destinaria 46,4% da produção de 22.635 milhões de toneladas para processamento (Tabela 3). Isso significa pouco mais de 10 bilhões de toneladas em derivados, que estaria incluindo, também, a produção de derivados originados do leite produzido informalmente.

Impressiona a resistência do mercado de leite informal, cuja produção estimada caiu somente 0,9% entre 1997 e 2002, representando ainda 38% do volume total produzido no Brasil, em 2002 (Tabela 4).

Os principais Estados brasileiros produtores de leite são: Minas Gerais, Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, cujas estimativas preliminares para 2002 são, respectivamente, 28,4%, 11,2%, 11,3%, 9,5% e 9,5% do volume total de produção. Apesar da previsão extremamente otimista do Estado do Paraná, prevendo uma produção que supera a de Goiás em 2002, o provável é que São Paulo e Rio Grande do Sul tenham perdido as posições de vice-liderança apresentadas em 1997, para Goiás e Paraná. Apesar disso, Minas Gerais e São Paulo continuaram sendo importantes no processamento de leite com participação de, respectivamente, 28% e 16,5% do volume total transformado pelas indústrias inspecionadas em 2001 (Tabela 6).

#### 4 - IMPORTAÇÕES, EXPORTAÇÕES E CONSUMO DE LEITE NO BRASIL

As importações brasileiras de leite e derivados, em valores, atingiram o patamar mais alto em 1995, decrescendo desde então até voltar a crescer em 2002. De 1995 a 2001 passaram de US\$610 milhões para US\$179 milhões, respectivamente, representando um decréscimo de 70,7%. Em 2002, voltaram a crescer 38,5% em relação a 2001. As exportações brasileiras de lácteos, normalmente insignificantes, apresentaram

desempenho surpreendente em 2001 e 2002. Em 1996, o Brasil exportou em lácteos (leites, cremes de leite e queijos) o equivalente a US\$19,3 milhões; em 1999 chegou a US\$7,5 milhões. Porém, a cifra de 2002 alcançou mais de US\$40 milhões, justificando o entusiasmo dos exportadores brasileiros de lácteos (Figura 1).

Apesar de os produtores estarem reclamando do aviltamento dos preços recebidos, abaixo do histórico nos últimos anos, não houve diminuição da produção, e a oferta global foi suficiente para atender a demanda interna. Porém, pode-se perceber pela movimentação das empresas de exportação ligadas aos grandes laticínios que o leite deixará de ser um produto apenas da cesta básica de alimentos do brasileiro para transformar-se em um lucrativo produto exportável, já que o leite em pó e o leite condensado, produzidos no Brasil, mostram-se competitivos no mercado mundial. Em 2002, as empresas reestruturadas envidaram esforços para criar um canal sólido de escoamento dos produtos brasileiros no mercado externo, e prometem continuar perseguindo esse objetivo. Muitos representantes da cadeia produtiva do leite acreditam que o Brasil poderá se tornar o maior exportador de leite e derivados nos próximos anos. Aliado a este prognóstico otimista, também existe a expectativa do programa "Fome Zero", que deverá demandar um aumento de 1,2 bilhão de litros de leite na safra deste ano.

O consumo aparente de leite no Brasil foi de 127,4 equivalente litros de leite por habitante em 2002. Cresceu lentamente na década de 1990, mas recuou em 2000 e 2001 em 2,6% e 2%, respectivamente, e voltou a crescer 2,8% em 2002 (Tabela 7). Mesmo assim, esse indicador de consumo de leite *per capita* no Brasil está bem aquém do nível recomendado pela Food Agriculture Organization (FAO) e outros órgãos internacionais de saúde e nutrição, que é de 215 litros/habitante/ano. O período de maiores participações nas importações acontece entre os anos de 1995 a 1999, quando superaram os 10% da produção total (Tabela 7). Percebe-se que o período imediatamente após a implementação do Plano Real, com o aumento do poder de compra da população, teve como contrapartida um aumento significativo na produção em 1996. Nos anos seguintes o crescimento da produção foi pequeno, mas as importações não caíram tanto, mantendo o consumo aparente acima de 125 litros/habitante/ano.

TABELA 5 - Mercado de Leite Formal e Participação Percentual do Leite Tipo Longa Vida e Derivados Não Fluidos, Brasil, 1997-2002

Ano	Industrializado (1.000 litros) (a)	Leite fluido		Derivados não fluido (a)-(b)/(a) (%)
		Total (1.000 litros) (b)	Leite longa vida (%)	
1997	10.688.279	4.720.000	52	56
1998	10.995.373	5.080.000	61	54
1999	11.138.930	5.125.000	67	54
2000	12.107.741	5.230.000	69	57
2001	13.212.710	5.390.000	73	59
2002 <sup>1</sup>	13.155.983	5.700.000	74	57

<sup>1</sup>Estimativa.

Fonte: Elaborada pela autora com dados do IBGE, CNA e ABLV.

TABELA 6 - Produção de Leite no Brasil, Total e Recebido pelas Indústrias Inspeccionadas, Brasil e Principais Estados Produtores, 1997 a 2002

Região	1997		1998		1999	
	Total	Recebido	Total	Recebido	Total	Recebido
Brasil (milhão de l)	18.666	10.688	18.694	10.995	19.070	11.139
Minas Gerais (%)	30,0	27,3	30,4	28,4	30,4	29,0
Goiás (%)	10,0	1,7	10,6	1,6	10,8	1,5
Rio Grande do Sul (%)	10,2	1,5	10,2	1,6	10,4	1,6
São Paulo (%)	10,7	18,2	10,6	17,2	10,0	16,7
Paraná (%)	8,5	7,8	8,7	7,8	9,0	8,1
Região	2000		2001		2002	
	Total	Recebido	Total	Recebido	Total <sup>1</sup>	Recebido <sup>2</sup>
Brasil (milhão de l)	19.767	12.108	20.510	13.213	21.063	9.708
Minas Gerais (%)	29,7	27,5	29,2	28,0	29,4	18,4
Goiás (%)	11,1	1,4	11,3	1,5	11,2	1,0
Rio Grande do Sul (%)	10,6	1,5	10,8	1,6	9,5	1,2
São Paulo (%)	9,4	17,6	8,7	16,5	9,5	12,1
Paraná (%)	9,1	7,8	9,2	7,8	11,3	5,1

<sup>1</sup>Estimativas do IBGE, para o Brasil, e das Federações da Agricultura, para os Estados, exceto São Paulo, cuja previsão é do IEA/CATI; e Paraná, estimativa do DERAL.

<sup>2</sup>Refere-se ao período de janeiro a setembro de 2002, segundo o IBGE.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

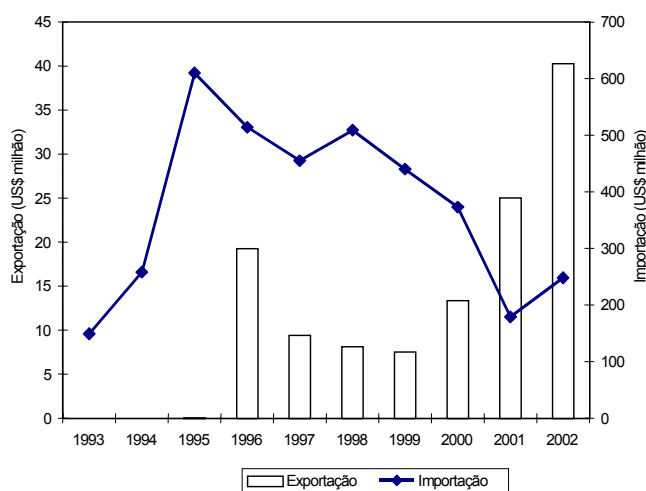


Figura 1 - Exportação e Importação Brasileira de Laticínios, 1993-2002.

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

TABELA 7 - Produção, Importação e Consumo de Leite no Brasil, 1990-2002

Ano	Produção		Importações <sup>1</sup>			Consumo aparente	
	Milhão de litros (a)	Variação (%)	Milhão de litros (b)	Variação (%)	(b)/(a) (%)	Litro/hab.	Variação (%)
1990	14.484	2,8	906,0	-33,2	6,3	106,3	-2,1
1991	15.079	4,1	1.313,0	44,9	8,7	111,5	4,9
1992	15.784	4,7	276,0	-79,0	1,7	107,6	-3,5
1993	15.591	-1,2	632,0	129,0	4,1	107,1	-0,5
1994	15.784	1,2	1.250,0	97,8	7,9	110,7	3,4
1995	16.474	4,4	3.200,0	156,0	19,4	126,0	13,8
1996	18.515	12,4	2.450,0	-23,4	13,2	132,4	5,0
1997	18.666	0,8	1.930,0	-21,2	10,3	128,2	-3,2
1998	18.694	0,2	2.270,0	17,6	12,1	128,6	0,3
1999	19.070	2,0	2.410,0	6,2	12,6	129,9	1,0
2000	19.767	3,1	1.808,0	-25,0	9,1	126,5	-2,6
2001 <sup>2</sup>	20.650	5,0	800,0	-55,8	3,9	124,0	-2,0
2002 <sup>2</sup>	21.063	2,0	1.400,0	-75,0	6,6	127,4	2,8

<sup>1</sup>Em equivalente litros de leite.

<sup>2</sup>Estimativa.

Fonte: Elaborada por CBCL, CNA e Leite Brasil, com dados básicos de IBGE, MAA, MF, SECEX/MDIC.

## 5 - PRODUÇÃO DE LEITE NO ESTADO DE SÃO PAULO

A produção leiteira no Estado de São Paulo vem caindo de posto no *ranking* nacional desde 1997. Em 2001 encontrava-se em 5º lugar, segundo dados do IBGE, ultrapassada pela produção paranaense (Tabela 6). A produção de São Paulo naquele ano, de 1.783 milhão de litros de leite, representou 8,7% da produção nacional, sendo que em 1997 a participação do Estado na produção brasileira foi de 10,7% (2 bilhões de litros).

Em 2001, o volume de leite recepcionado pela indústria no Estado de São Paulo (2.178,4 milhões de litros) foi maior que a produção total neste Estado, indicando a importação de leite de outros Estados. A defasagem entre a produção e o volume processado de leite, porém, não elimina a informalidade no Estado.

O rendimento físico da pecuária leiteira do Estado de São Paulo, que foi de 1.029 litros/vaca ordenhada/ano em 2001, está indicando um baixo desempenho do setor, comparativamente a outros estados, principalmente os da Região Sul. A produtividade do Rio Grande do Sul, a maior do País, por exemplo, é 79,3% maior do que a de São Paulo (Tabela 8).

Segundo o levantamento estatístico da

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e do Instituto de Economia Agrícola (IEA), a produção de leite do Estado de São Paulo, em 2001, foi de 1.976 milhão de litros e estaria acima, portanto, da produção do Paraná, que foi de 1.889,6 milhão de litros (Tabela 9). De qualquer forma, a previsão do referido levantamento para 2002 é de uma produção de 1.839 milhão de litros, que significa uma queda de 7% no volume total em relação a 2001.

A produção de leite no Estado de São Paulo, por região produtora, apresenta mudanças significativas quando comparada com o início da década de 1990. Conforme a média da produção de 1990 a 1992, a principal região produtora era definida pelos municípios pertencentes ao Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de São João da Boa Vista, com 107.342 mil litros ao ano, representando 6,1% do volume total do estado (Tabela 10). Em 2002, esta mesma região passou a representar 4,5% do total da produção estadual, caindo para a 7ª posição. A segunda colocada, em 1990-92, agregava os municípios que compunham o EDR de Franca, que caiu para a 9ª colocação em 2002.

Os EDRs de Pindamonhangaba e de São José do Rio Preto estão, em 2002, em primeiro e segundo lugar na produção de leite em São Paulo, participando com 7,9% e 6,5%, respectivamente, da produção total do Estado.

TABELA 8 - Rendimento Físico da Produção de Leite, Brasil e Principais Estados Produtores, 1997 a 2001

(em litros por vaca ordenhada/ano)

Região	1997	1998	1999	2000	2001
Brasil	1.095	1.082	1.096	1.105	1.127
Minas Gerais	1.386	1.291	1.329	1.329	1.337
São Paulo	973	1.034	1.044	1.040	1.029
Paraná	1.519	1.526	1.547	1.558	1.642
Santa Catarina	1.643	1.651	1.664	1.740	1.798
Rio Grande do Sul	1.737	1.732	1.768	1.804	1.845
Mato Grosso do Sul	974	983	944	963	972
Goiás	1.049	1.058	1.066	1.094	1.095

Fonte: IBGE.

TABELA 9 - Produção Anual de Leite por Tipo, Estado de São Paulo, 2000-2002

Ano	Tipo A		Tipo B		Tipo C		Total	
	1.000 litros	Var. %	1.000 litros	Var. %	1.000 litros	Var. %	1.000 litros	Var. %
2000	49.124	-	345.403	-	1.545.698	-	1.940.225	-
2001 <sup>1</sup>	53.968	9,86	337.415	-2,31	1.585.372	2,57	1.976.755	1,88
2001 <sup>2</sup>	34.343	-30,09	353.644	2,39	1.588.439	2,77	1.976.426	1,87
2002 <sup>1</sup>	34.112	-0,67	324.576	-8,22	1.480.361	-6,8	1.839.049	-6,95

<sup>1</sup>Previsão do levantamento de junho do IEA/CATI.<sup>2</sup>Estimativa do levantamento de novembro do IEA/CATI. A variação foi calculada em relação ao ano de 2000.

Fonte: ANUÁRIO (2002) e Levantamento IEA/CATI de junho de 2001 e 2002.

TABELA 10 - Produção de Leite, segundo os Dez Principais Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDR), Estado de São Paulo, em 2002 e Posição em 1990-92<sup>1</sup>

(continua)

Ano	Classif.	EDR	Tipo A			Tipo B			Tipo C			Total (1.000 l/ano)	Var. (%) (2002/1990-92)	Rendimento <sup>2</sup> (l/cab.)
			(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)					
2002	1º	Pindamonhangaba	-	31,9	68,1	-	59,0	41,0	-	159.841	66,1	701,4		
1990-92	4º		-			-			-	96.221				
2002	2º	São José do Rio Preto	0,7	2,0	97,3	0,7	2,0	97,3	0,7	130.649	28,3	299,5		
1990-92	3º		-	0,1	99,9	-	0,1	99,9	-	101.795				
2002	3º	General Salgado	-	1,4	98,6	-	1,4	98,6	-	109.012	42,4	309,7		
1990-92	6º		-	0,0	100,0	-	0,0	100,0	-	76.579				
2002	4º	Guaratinguetá	-	37,4	62,6	-	37,4	62,6	-	96.756	6,5	688,8		
1990-92	5º		-	55,3	44,7	-	55,3	44,7	-	90.891				
2002	5º	Araçatuba	0,4	2,1	97,5	0,4	2,1	97,5	0,4	93.971	44,2	375,8		
1990-92	8º		-	0,3	99,7	-	0,3	99,7	-	65.162				
2002	6º	Araraquara	4,9	36,8	58,3	4,9	36,8	58,3	4,9	92.990	56,5	943,5		
1990-92	9º		-	56,7	43,3	-	56,7	43,3	-	59.433				

<sup>1</sup>Recuperação dos dados para compor os atuais EDRs. Média dos anos 1990, 1991 e 1992; nesses anos não havia levantamento para leite tipo A.<sup>2</sup>Produção total de leite dividida pelo número de bovinos para leite e misto.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do IEA/CATI.



TABELA 10 - Produção de Leite, segundo os Dez Principais Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDR), Estado de São Paulo, em 2002 e Posição em 1990-92<sup>1</sup>

(conclusão)								
Ano	Classif.	EDR	Tipo A (%)	Tipo B (%)	Tipo C (%)	Total (1.000 l/ano)	Var. (%) (2002/1990-92)	Rendimento <sup>2</sup> (l/cab.)
2002	7º	São João da Boa Vista	3,3	52,2	44,5	90.527	-15,7	486,8
1990-92	1º		-	48,5	51,5	107.342		
2002	8º	Bragança Paulista	2,4	21,3	76,3	73.833	80,8	673,9
1990-92	-		-	36,6	63,4	40.834		
2002	9º	Franca	-	21,4	78,6	70.074	-31,6	390,6
1990-92	2º		-	18,0	82,0	102.474		
2002	10º	Presidente Venceslau	-	2,8	97,2	64.426	232,2	247,6
1990-92	-		-	2,9	97,1	19.396		
2002	-	Lins	-	16,2	83,8	53.651	-21,4	360,3
1990-92	7º		-	32,0	68,0	68.284		
2002	-	Avaré	-	17,0	83,0	39.063	-28,9	229,0
1990-92	10º		-	17,7	82,3	54.978		
2002	-	Subtotal	1,1	21,3	77,6	982.079	11,2	478,0
1990-92	-		-	27,5	72,5	883.389		
2002	-	Outros	2,8	13,3	83,9	1.021.905	16,6	237,0
1990-92	-		-	17,7	82,3	876.388		
2002	-	Estado	2,0	17,2	80,8	2.003.984	13,9	314,8
1990-92	-		-	22,6	77,4	1.759.777		

<sup>1</sup>Recuperação dos dados para compor os atuais EDRs. Média dos anos 1990, 1991 e 1992; nesses anos não havia levantamento para leite tipo A.

<sup>2</sup>Produção total de leite dividida pelo número de bovinos para leite e misto.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do IEA/CATI.

Os dez primeiros EDRs produtores de leite (de um total de 40), em 2002, responderam por 49% do total da produção, participando com 77,6% da produção de leite tipo C, 21,3% de leite tipo B e somente 1,1% de tipo A. Em termos de volume total do Estado, observou-se a tendência de aumento da participação da produção do leite C, que passou de 77,4% para 80,8%. O crescimento da produção em regiões como a de Presidente Venceslau, General Salgado e Araçatuba corroboram o argumento de que a produção em lugares mais distantes não é impeditivo para os laticínios.

De 1990-92 a 2002, o EDR de Presidente Venceslau teve a produção de leite incrementada em 232,2%; os EDRs de Bragança Paulista, Pindamonhangaba, Araraquara, Araçatuba e General Salgado, em 80,8%, 66,1%, 56,5%, 44,2% e 42,4%, respectivamente, percentuais muito acima do total do estado, que foi de 13,9% no mesmo período (Tabela 10).

Portanto, houve um deslocamento da importância relativa das regiões produtoras de

leite mais centrais do Estado de São Paulo, como São João da Boa Vista e Franca, para regiões a oeste (Presidente Venceslau e Araçatuba), noroeste (General Salgado e São José do Rio Preto) e o Vale do Paraíba (Pindamonhangaba e Guaratinguetá). Apesar de o Vale do Paraíba ser uma importante bacia leiteira, havia entrado em decadência na década de 1980, e essa recuperação é significativa para a região que tem dificuldades para encontrar atividades econômicas agrícolas rentáveis adaptáveis ao seu ecossistema. Nas regiões de Franca e São João da Boa Vista, que perderam importância, pode-se inferir que outras atividades de maior retorno monetário substituíram o leite a partir dos anos 90s.

Com relação à produtividade, mediu-se indiretamente o rendimento físico por região produtora, em 2002, considerando-se o volume de leite produzido pelo total de cabeças do rebanho bovino para leite e misto. O rendimento físico médio do Estado foi de 314,8 litros por cabeça. O EDR de Araraquara apresentou o melhor rendimento físico, com 943,5 litros por cabeça, seguido por Pinda-

monhangaba, com 701,4 litros/cabeça, Guaratinguetá (688,8 l/cab.) e Bragança Paulista (673,9 l/cab.). O EDR de Presidente Venceslau apresentou o menor rendimento físico, com 247,6 litros por cabeça, seguido por São José do Rio Preto e General Salgado, respectivamente, com 299,5 e 309,7 litros/cabeça, constatando-se que as regiões a oeste e noroeste do Estado são as de mais baixa produtividade, pela característica de terem rebanhos mistos em proporções relativamente maiores que em outras regiões (Tabela 10).

O deslocamento da produção leiteira no Estado de São Paulo não resultou em aumento na produção, e também tem-se a indicação de uma piora muito acentuada da produtividade. Por outro lado, o desenvolvimento da produção de leite nas regiões não depende somente de políticas de desenvolvimento de alçada local e/ou regional. A cadeia produtiva deve ser eleita com prioridade e para fortalecê-la é necessário realizar uma política nacional que coordene e dê sustentação a todos os elos da cadeia, complementando ações em vários níveis de governo (CHABARIBERY, 2002).

## 6 - IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE LEITE NO ESTADO DE SÃO PAULO

O comércio exterior de leite e laticínios realizado por empresas no Estado de São Paulo cresceu, em valor das exportações, 301,9% nos últimos três anos, de US\$5,4 milhões, em 2000, para US\$21,7 milhões, em 2002. Nas importações a tendência foi inversa, com queda de 46,5% no mesmo período, atingindo quase US\$95 milhões em 2002 (Figura 2).

O Estado de São Paulo, de 2000 a 2001, apresentou-se como importador de leite e laticínios com participação de 47,6% e 60,1%, respectivamente, no valor total das importações brasileiras, caindo para 38,4% em 2002. Os principais itens importados são leite em pó e queijo/manteiga/outros (Tabela 11).

As exportações de leite e laticínios do Estado de São Paulo cresceram 95,7%, de 2000 a 2001, e 104%, de 2001 a 2002, principalmente nos itens leite em pó e outros derivados (Figura 2). Pode-se considerar que, em 2002, o Estado passou a ser um exportador de leite e laticínios, atingindo cerca de US\$25,2 milhões. Exportou o correspondente a 65,6% do valor das exporta-

ções do leite em pó brasileiro que é o maior item na pauta de exportações de lácteos do Brasil (Tabela 11).

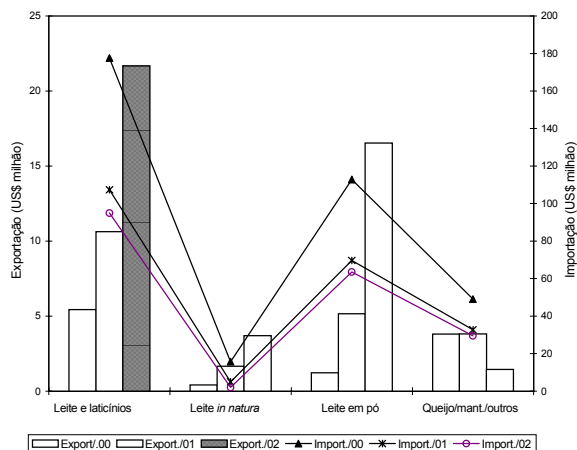
Para conquistar seu próprio mercado e participar do comércio internacional de forma sustentável, o setor lácteo paulista precisa cumprir antigos e importantes pré-requisitos: aumento de produtividade dos principais fatores de produção, com eficiência econômica e qualidade da matéria-prima; além da melhoria gerencial das suas empresas em todos os níveis e segmentos (BORTOLETO; CHABARIBERY, 1998b).

## 7 - ANÁLISE DOS PREÇOS DO LEITE

Os preços médios mensais recebidos pelos produtores brasileiros de leite tipo C, entre os meses da entressafra de 2000 e os da safra de 2001/02, mostram tendência de queda. Porém, esse comportamento vem sendo observado desde o início da década de 1990, quando ocorreu a queda da regulamentação do mercado do leite (cuja vigência assegurava ao produtor 60% do preço final de varejo). O Estado produtor que mais perdeu margem de renda para o pecuarista foi São Paulo, pois na entressafra de 1998, o preço médio recebido de leite C encontrava-se no patamar de R\$0,53/litro, enquanto a média brasileira era de R\$0,47/litro. Na entressafra de 1999, quando São Paulo já havia perdido a vice-liderança na produção, sua cotação equiparara-se à de Minas Gerais, para depois ficar abaixo da média deste Estado, porém acima da média brasileira (Figura 3). Também, é preciso observar que os preços recebidos em São Paulo têm a média rebaixada devido às baixas cotações recebidas nas regiões de pecuária leiteira intensiva a pasto, com custos de produção menores que em outras regiões.

A safra 2001/02 mostrou-se o pior período em termos de preço recebido pelos produtores do leite C, cuja média brasileira de R\$0,36/litro esteve 15,2% abaixo da safra anterior. Na safra 2002/03, a recuperação de 15,3% pode ser vista como reposição da perda ocorrida na safra anterior (Figura 3).

Apesar de o preço médio recebido pelo leite C de cada estado apresentar equidistância quase constante ao longo do período 1998 a 2002, na entressafra 2002 a cotação de Goiás elevou-se, ficando no patamar da média mineira.

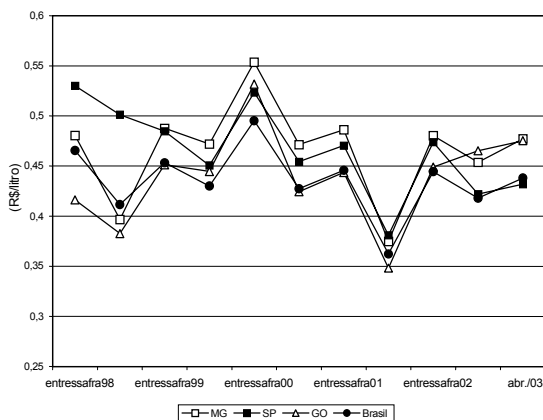


**Figura 2** - Exportação e Importação de Lácteos, Estado de São Paulo, 2000 a 2002.  
Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do SECEX.

**TABELA 11** - Participação Percentual do Estado de São Paulo no Valor Total da Exportação e Importação Brasileira, e Variação da Exportação e Importação do Estado de São Paulo, 2000 a 2002

Produto/ano	SP/Brasil (%)		Variação (%)	
	Na exportação	Na importação	Exportação	Importação
<b>2000</b>				
Leite e laticínios	40,6	47,6	-	-
Leite <i>in natura</i>	98,3	54,8	-	-
Leite em pó	26,4	43,9	-	-
Queijo/manteiga/outros	45,6	56,0	-	-
<b>2001</b>				
Leite e laticínios	42,5	60,1	95,7	-39,6
Leite <i>in natura</i>	95,0	45,9	303,4	-68,3
Leite em pó	62,2	62,9	324,1	-38,3
Queijo/manteiga/outros	25,4	57,3	0,2	-33,3
<b>2002</b>				
Leite e laticínios	53,9	38,4	104,0	-11,5
Leite <i>in natura</i>	97,9	30,9	122,9	-61,1
Leite em pó	65,6	36,2	220,6	-8,8
Queijos e manteigas	12,8	44,9	-62,0	-9,9

Fonte: SECEX.



**Figura 3** - Evolução dos Preços Médios Recebidos pelo Leite C nos Períodos de Safra e Entressafra, Estados Selecionados e Brasil, 1998 a 2003.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do CEPEA/ESALQ/USP.

Como vice-líder na produção, porém com pequeno parque industrial de laticínios, passou a ser importante fornecedor para o Estado de São Paulo, cujos laticínios beneficiaram-se da diferença entre o ICMS cobrado na operação interestadual sobre o leite cru e o ICMS pago para o leite longa vida na saída da indústria paulista<sup>2</sup>. Este tem sido um dos fatores de sustentação aos preços recebidos em Goiás, que se equiparam aos de Minas Gerais no início da entressafra 2003 (Figura 3).

Com relação à comparação dos preços entre os tipos de leite, a análise deve ater-se ao mercado de leite fluido inspecionado (principalmente, os tipos C e longa vida), com a participação do longa vida representando 74% deste mercado em 2002 (Tabela 5). Em 1990, o volume comercializado do leite longa vida foi de 187 milhões de litros e representava 4,4% do mercado de leite fluido; em 2002 chegou a 4,2 bilhões de litros, crescimento alicerçado por grandes plantas processadoras e redes varejistas, que souberam aproveitar o tempo ampliado da estocagem, e pelos mercados distantes (geograficamente) do Brasil, para redefinir as margens do negócio. Os preços médios mensais nominais de leite pasteurizado e longa vida no mercado atacadista mostram acentuada diferença em suas margens.

Comparando-se a evolução desses preços, observa-se que em 2001 a diferença entre o preço médio do leite longa vida no atacado supera em 26,5% o do leite tipo C. Em 2002 não é diferente, pois as margens continuam elevadas para o longa vida, com média de 43,3%, e nos meses de março, abril e maio de 2002, alcançando 47% de margem; sendo que nos meses finais, novembro e dezembro, atingiu margens de 53,8% e 48,8%, respectivamente (Figura 4).

A comparação entre o preço médio nominal de leite C, recebido pelo produtor no Estado de São Paulo, e o preço médio nominal do leite longa vida no mercado atacadista, também

mostra margens elevadas, com média de 206,2%, em 2001, e 226%, em 2002 (Figura 4).

Há que se observar que a maior parte do mercado de leite fluido no varejo é de leite longa vida, cujo patamar de preços está acima do leite C. O preço médio real do leite longa vida encontrado no varejo na cidade de São Paulo, em setembro de 2002, foi de R\$1,31/litro, valor 17% mais alto que para o leite C no varejo, que foi de R\$1,12/litro, e cerca de 205,6% mais alto que o preço médio real recebido pelo produtor de São Paulo.

Essa análise leva a crer que, se a cadeia produtiva do leite não resolver seus graves problemas estruturais, quem terá a perder no médio prazo, além do produtor, será também o consumidor.

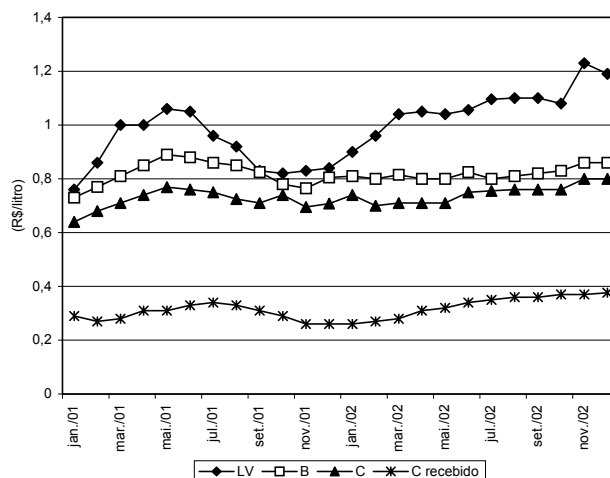
## 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado de São Paulo não mais detém o 2º lugar na produção brasileira de leite, posição que ocupou até 1998. Com um grande mercado interno consumidor, e se tornando um importante Estado exportador de leite e laticínios, é premente a reversão desse quadro de decréscimo de sua produção, evitando problemas futuros de desabastecimento, como já ocorreu nos anos 80s, ou elevação dos preços ao consumidor.

Dada a longa crise de preços recebidos aviltados pela qual tem passado o setor desde a década de 1990, os bons plantéis de gado leiteiro de São Paulo foram leiloados nos últimos anos, tendo sido adquiridos por pecuaristas de outros estados. Também, resultou em mudança na importância relativa de bacias leiteiras, relevantes num passado recente, mas que perderam posição para o leite produzido em regiões mais longínquas do Estado. Houve um deslocamento da produção de leite para as regiões oeste e noroeste do Estado, leite produzido com plantéis não especializados na atividade leiteira. As novas bacias, por produzirem com infra-estrutura mais reduzida que nas tradicionais bacias leiteiras, obtêm custos mais baixos e conseguem sobreviver com as longas fases de preços deprimidos oferecidos pelos laticínios.

Nas antigas bacias leiteiras, como São João da Boa Vista e Vale do Paraíba, houve inversão da importância do leite tipo B para o leite tipo C, indicando os reflexos da profunda rees-

<sup>2</sup>O Decreto 47.064/2002, do Governo do Estado de São Paulo, concede ao estabelecimento industrial fabricante do leite esterilizado (longa vida) um crédito outorgado do ICMS de 6,7%, aplicado sobre o valor da operação de saída destes produtos dos estabelecimentos localizados no estado (inciso XXIX, do artigo 9, do Anexo III, do RICMS). Além disso, ainda fica mantido o crédito do imposto relativo à aquisição interestadual da matéria-prima (parágr. 4, do artigo 9, do Anexo III, do RICMS). Cumpre informar que as operações internas com o leite esterilizado (longa vida) estão incluídas no capítulo da cesta básica e, portanto, tributadas em 7%.



**Figura 4** - Evolução dos Preços Nominais no Atacado dos Leites Longa Vida e Pasteurizados (B e C), e do Tipo C Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 2001-02.

Fonte: Scot Consultoria.

truturação patrimonial nas indústrias lácteas, desde meados da década de 1980, quando as multinacionais que entraram no País investiram na produção de leite longa vida, atualmente dominante no mercado de leite fluido.

As indústrias de laticínios do Estado de São Paulo estão buscando inserção no mercado internacional, com exportações de leite condensado e leite em pó, produtos que têm se mostrado competitivos. A outra face deste esforço é o fato de o Brasil continuar importando produtos lácteos, sempre que se aumenta o volume exportado.

Garantir auto-suficiência enquanto enfrenta a competição no mercado internacional,

somente será possível com maior participação e união dos diversos segmentos da cadeia produtiva do leite, preconizando-se que a cooperação é uma grande aliada na conquista do diferencial de competitividade.

A perda relativa nos preços recebidos pelos produtores paulistas em relação aos dos outros estados também é um sintoma pernicioso, pois, entre outros fatores, pode estar indicando que a política tributária não esteja bem ajustada à realidade, e o processamento do leite longa vida a partir de matéria-prima adquirida de outros estados pode estar prejudicando os produtores do Estado de São Paulo.

## LITERATURA CITADA

ANUÁRIO DE INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS DA AGRICULTURA - Anuário IEA, 2001. São Paulo: IEA, 2002. (Sér. inf. estat. agric., v. 13/2002).

BORTOLETO E. E.; CHABARIBERY, D. Aspectos estruturais, técnicos e de política setorial para o ajuste da cadeia produtiva do leite. In: AGUIAR, D. R. D.; PINHO, J. B. (Eds.). **O agronegócio brasileiro: desafio e perspectivas**. Brasília: SOBER, 1998a. v. 1, p. 479-91.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Leite e derivados: entraves e potencialidades na virada do século. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 28, n. 9, p. 25-36, set. 1998b.

CHABARIBERY, D. Questões para o desenvolvimento rural. \_\_\_\_\_, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 59-60, fev. 2002.

## DESEMPENHO RECENTE DA PRODUÇÃO DE LEITE NO ESTADO DE SÃO PAULO

**RESUMO:** Este trabalho consiste em uma análise do desempenho recente da cadeia de produção do leite, no intuito de evidenciar a tendência de produção e de mercado do leite no mundo, no Brasil e, com enfoque particular, em São Paulo, Estado que perdeu a posição de vice-liderança na produção brasileira de leite em 1999, mas continua como um importante parque industrial de laticínios e, também, com o maior mercado consumidor interno de leite e derivados. A mudança ocorrida nas principais bacias leiteiras deste Estado mostra o deslocamento da produção de leite de regiões mais centrais para regiões a oeste e noroeste e, também, do Vale do Paraíba. Na análise dos preços do leite, a evolução do preço recebido pela matéria-prima e o preço do leite ao consumidor mostram margens crescentes para o preço no varejo. A política tributária atual, dando um crédito outorgado de ICMS para o leite longa vida, pode estar propiciando vantagem para a indústria paulista em buscar leite cru de outros estados.

**Palavras-chave:** leite, produção, mercado, preço.

## RECENT MILK PRODUCTION PERFORMANCE IN THE STATE OF SAO PAULO

**ABSTRACT:** This paper analyses the recent milk production performance in Brazil, with a view to defining an indicative characterization of the international and national dairy market, highlighting that of the state of Sao Paulo. Although no longer the second ranking producer of the 1999 milk production, the state remains an important dairy industrial park, as well as the largest domestic dairy consuming market. Also, the state's main centrally located milk-producing region has dislocated to the west and northwest, and to the Paraíba valley. As for the milk price analysis, the evolution of the supply received price and the demand paid price show growing margins for the retail price. Due to the negative effects of the current taxation policy, the state's industry finds it advantageous to seek crude milk in other states.

**Key-words:** Brazil, milk, dairy, production, market, price.

---

Recebido em 18/06/2003. Liberado para publicação em 01/09/2003.